



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Imagens e imaginários na era digital/virtual

Denize Araujo^a; Malena Contrera^b

^a denizearaujo@hotmail.com

^b malenacontrera@icloud.com

IMAGENS E IMAGINÁRIOS NA ERA DIGITAL/VIRTUAL é um dossiê que comemora os 10 anos do grupo de trabalho (GT) da Compós¹ “Imagem e Imaginários Midiáticos”, organizado pelas coordenadoras Denize Araujo e Malena Contrera e publicado nesta edição da *Texto Digital*. Os textos enfocam temáticas fundamentais da revista, como linguagens experimentais, arte e tecnologias digitais, em suas reflexões sobre os temas do GT, imagens e/ou imaginários contemporâneos, em diversas áreas, como fotografia, cinema, audiovisual, jornalismo, games, multimídia, e assim por diante.

Cabe salientar que o GT “Imagem e Imaginários Midiáticos” acolhe trabalhos que, como indica sua denominação, refletem sobre a imagem e o imaginário nos meios de comunicação, analisando e explorando a publicidade, a fotografia, o cinema, a televisão e o vídeo. Desde que foi fundado, o GT já lançou dois e-books, “Teorias da Imagem e do Imaginário”, em 2014, editado por Denize Araujo e Malena Contrera, e “Imag(em)inário: imagens e imaginário na Comunicação”, em 2018, editado por Ana Taís Martins, Denize Araujo, Malena Contrera e Rose de Melo Rocha.

Nesta publicação, nosso dossiê traz artigos de autores brasileiros e portugueses que analisam distintos objetos através da perspectiva das imagens ou dos imaginários, de maneira interativa ou não, em diversos *media* como cinema, fotografia, literatura,

¹ Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.



projeção mural, ficção seriada, arte multimídia, internete, webdocumentário, redes sociais, plataformas etc.

Duas pesquisadoras analisam contextos diversos, mas tendo em comum o tema da comunicação digital/*online*. **Ana Taís Martins**, em seu artigo “Saber total ou retorno ao obscurantismo: o papel do segredo nas comunicações digitais”, questiona a virtual fragmentação do poder como consequência da potencialidade interativa das redes sociais e da internete. **Florence Dravet**, em seu artigo “Tecnologia e saberes espirituais em *The Midnight Gospel*: hiperabstração digital e imaginação”, explorando o desenvolvimento das comunicações *online* em suportes digitais, que cria possibilidades criativas da imaginação, discute o conceito de hiperabstração da mente no cenário da realidade virtual.

O artigo “Algoritmos, viralização e contágio psíquico: o agravamento da industrialização do espírito”, de **Malena Contrera e Leonardo Torres**, discute a relação entre a plataforma *Google Trends* e a problemática do dataísmo, no processo de eclosão de conteúdos simbólicos específicos do imaginário e nas estratégias de contágio psíquico.

Sobre a cultura digital, temos três artigos que se relacionam. **Enrickson Varsori e Sara Pereira**, em “Vida digital: relação entre gerações jovens e tecnologia”, analisam o resultado de pesquisa com 188 publicações em relação ao consumo de internete pelas novas gerações, em seus usos das tecnologias de hiperconexão. **Ana Velinho e Victor dos Reis**, no artigo “A maleabilidade das imagens digitais e a visualidade rastreável”, abordam a mediação digital e a sinergia entre o olhar humano e o artificial, relacionados às imagens digitais em arte multimídia e à visão computacional. **Denize Araujo**, em “Construções imaginadas: a estética da intervenção digital”, analisa três filmes onde a sedução da imagem cria uma ilusão virtual nos protagonistas: *Her*, *The App* e *SimOne* (*Simulation One*), em que a atriz virtual chega até a convencer os espectadores por algum tempo.

“Máquina amável, mãe terrível: mito e ciência em imagens arquetípicas no filme *I am mother*”, de **Hertz Wendell de Camargo e Luiz Alberto Pérez-Amezcuca**, relaciona o conceito de arquétipo com a personagem robótica, argumentando que o texto fílmico apresenta paradigmas mais míticos do que científicos.

Hernando Urrutia, Pilar Pérez e Adérito Fernandes-Marcos, no artigo “A projeção mural multimídia como formação cultural e democrática no espaço público”, ressaltam a relevância desse tipo de projeção em espaços públicos com objetivos educacionais, como formação cultural e democrática, em vez das práticas comumente usadas de projeções com fins publicitários ou de entretenimento.

Em “Memória experimental ou diário de poucas palavras de Nanni Moretti: a autobiografia do homem mascarado no Instagram”, **Gabriela Kvacek Betella** explora diálogos entre imagem e imaginário em relação à memória experimental no curta *Autobiografia dell'uomo mascherato* (2020) e suas relações com o filme *Caro Diário* (1993) do diretor italiano Nanni Moretti. O artigo “Diário de Mídia: retrato, autorretrato e status”, de **Fernando Nobre Cavalcante**, dialoga com o texto anterior no sentido de analisar diários que utilizam o autorretrato como memória das experiências, o que pode propor uma ponte interativa para o filme autobiográfico *Caro Diário*, ainda que as análises não se dirijam aos mesmos temas. **Rodrigo Brasil de Mattos e Tiago Ricciardi Correia Lopes**, em “A memória da fotografia: como olhar as imagens fotográficas no contexto do Pós”, citam conceitos associados à fotografia de interface e à teia de imaginário, destacando também as imagens-memória e o compartilhamento no Instagram, temas que dialogam com os dois artigos anteriores, no que diz respeito à memória.

Esta, a memória, é também trabalhada em outros dois artigos. Em “Processos de comunicação e interação: o caso do anão sobre os ombros do gigante”, **Bruno Mendes da Silva e Susana Costa** analisam a potencialidade do filme interativo, relacionando-o com a literatura e citando Jorge Luís Borges e Italo Calvino, escritores que anteciparam a passagem do espectador de um plano extradiagético para um plano intradiagético. Em “A *playlist* ou o cânone do webdocumentário”, **Manuela Penafria** se propõe a elaborar uma super *playlist* e posteriormente analisar suas possibilidades para o cânone do webdocumentário, considerando que talvez a interatividade em si seja menos relevante do que o impacto da história contada ou do que a dimensão colaborativa.

Dois trabalhos, em especial, adotam conceitos de Gilles Deleuze. “De ‘Cavalo Dinheiro’ a ‘Vitalina Varela’: a imagem-sonora” é o título do artigo de **Edmundo Cordeiro**, que explora a sobreposição estratigráfica ver-falar e as vozes de memórias em glossolalia

entre passado e presente, endossando o conceito de imagem-tempo de Deleuze. No artigo de **Maria Ogécia Drigo e João Paulo dos Reis**, “A imagem-cristal no filme *Timecode*”, além do endosso da montagem espacial de Manovich, há o conceito de Deleuze de imagem-cristal, que coloca o espectador como parte dos circuitos cristalinos, enfatizando o diálogo entre as imagens e o espectador.

Os referenciais teóricos de todos os artigos trazem nomes de pensadores bastante relevantes na contemporaneidade, tais como Gilles Deleuze, Lev Manovich, Jean Baudrillard, Peter Weibel, Carl Gustav Jung, Gilbert Durand e Dietmar Kamper. De outro lado, um exame das palavras-chave presentes nos trabalhos pode mostrar claramente sua adesão ao título do dossiê, que menciona imagens e imaginários “na era digital/virtual”, a exemplo de “estética digital”, “imagem técnica”, “inteligência artificial”, “imagens digitais”, “visão computacional”, “hiperconectividade”, “hiper-realidade”, “múltiplas telas”, “imagem-cristal”, “webdoc colaborativo”, “experimentação”, “interatividade”, “fotografia digital”, “whatsapp”, “filme interativo”, “cultura digital”, “multimídia”, “fotografia de interface”, “*Instagram*”, “pós-mídia e hiperabstração”, “dataísmo”.

*Denize Araujo e Malena Contrera*²

Sobre os artigos publicados fora do dossiê

“Ucronias do bem-viver: o ativismo na página ‘feitiço repente’, do *Instagram*”, de Alessandra Paula Rech, analisa objetos de arte visual performática publicados na página Feitiço repente, do *Instagram*, adotando o viés teórico dos estudos pós-coloniais, em que arte, nos países periféricos, pode representar uma resistência, dentro do conceito de “ativismo”, sobretudo quando focada na discussão do fetichismo de consumo. Vinícius Carvalho Pereira, em “Notas sobre o romance generativo *If on a winter's night a library cardholder*”, analisa esse romance generativo desenvolvido por Robin Camille Davis para a edição 2016 do *NaNoGenMo – National Novel Generation Month*, e que recria computacionalmente o livro de Italo Calvino *Se um viajante numa noite de inverno*; a discussão apresentada nesse artigo lança mão de escritos do próprio Calvino sobre análise

² Agradecemos à revista *Texto Digital* por acolher nosso dossiê e parabenizamos as/os autoras/autores, do Brasil e de Portugal, pelos seus textos instigantes e relevantes.

combinatória. “Digital collections: practices of preservation and treatment of Works”, de Emanuel Cesar Pires de Assis e de Ana Paula Nunes de Souza, discute as ações de preservação e tratamento de obras em acervos digitais; apresentando as óbvias vantagens da digitalização, propõe examinar mais de perto as possibilidades de pesquisas em acervos digitalizados, analisando especificamente coleções digitalizadas da cidade de Caxias, no Maranhão, disponibilizadas no portal Literatura Maranhense (<https://www.literaturamaranhense.ufsc.br>).

Finalmente, contamos também com uma resenha do livro *Contemporary art impacts on scientific, social, and cultural paradigms: emerging research and opportunities* (Hersey PA: IGI Global, 2020, 177 p.), de Janez Strehovec, professor-associado da cadeira de *New media art theory* e diretor do *Institute of New Media Art and Electronic Literature* em Ljubljana, Eslovênia.

Os editores

Nota dos editores: a capa desta edição é de Juliana Faria é joinvilense, Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Técnica em Fotografia pelo Centro Europeu de Idiomas e Profissões de Joinville. Apaixonada por fotografia desde a infância, em 2011 resolveu transformar o hobby em profissão. De lá para cá, participou de diversas exposições e coletivos em Santa Catarina e em São Paulo. Viajou para fotografar países como Colômbia, Austrália, Chile, Argentina e Índia, destino do qual é guia fotográfica. O tema Diversidade está entre os assuntos que fazem parte de sua pesquisa. A busca por registros autênticos e retratos que fujam aos estereótipos projetados pela Propaganda são um irônico contraponto à trajetória acadêmica da publicitária e compõem o repertório imagético da fotógrafa. Seu trabalho dialoga com temas transversais à arte, como tecnologia, comportamento, feminismo, política, consumo, transgressão, entre outros. Seu repertório é um convite à reflexão sobre o papel das imagens.

Instagram: <https://www.instagram.com/julianafariaphotography/>

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/juliana-faria-486b5612/>